

ENSINO DE FILOSOFIA E DIALÉTICA HEGELIANA: LIMITES E POSSIBILIDADES¹

Teaching Philosophy and Hegelian Dialectics: Limits and Possibilities

Melquisedec da Cruz Gomes²

Orientação: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães³

Resumo: O presente estudo teve como objetivo investigar limites e possibilidades da relação entre dialética hegeliana e ensino de filosofia. Para isso a metodologia partiu de um paradigma hermenêutico, aonde foi feita revisão da literatura por meio de uma pesquisa teórica e bibliográfica sobre a dialética de Hegel (1770-1831) das obras Fenomenologia do Espírito (1807), Propedêutica Filosófica (1808-1811), Discursos sobre Educação (1809-1815) e Enciclopédia das Ciências Filosóficas(1830), distinguindo a educação como *Bildung* e *Erziehung* e discutindo possibilidades e limites da relação entre dialética hegeliana e ensino de filosofia. A presente pesquisa concluiu que existem possibilidades de utilizar a dialética para o ensino de filosofia, mas ainda é preciso se aprofundar sobre a sua relação com o ensino-aprendizagem e até mesmo sobre os limites dessa relação.

Palavras chaves: Hegel. Dialética. Ensino de Filosofia. *Bildung*. *Erziehung*.

Abstract: The present study aimed to investigate the limits and possibilities of the relationship between Hegelian dialectics and the teaching of philosophy. To this end, based on a hermeneutic paradigm, a literature review was carried out through theoretical and bibliographic research on Hegel's dialectics (1770-1831) based on the works Phenomenology of Spirit (1807), Philosophical Propaedeutics (1808-1811), Discourses on Education (1809-1815) and Encyclopedia of Philosophical Sciences (1830), distinguishing education as *Bildung* and *Erziehung* and discussing the possibilities and limits of the relationship between Hegelian dialectics and the teaching of philosophy. The present research concluded that there are possibilities of using dialectics for the teaching of philosophy, but it is still necessary to delve deeper into its relationship with teaching and learning and even into the limits of this relationship.

Key words: Hegel. Dialectics. Teaching of Philosophy. *Bildung*. *Erziehung*

1 INTRODUÇÃO

A educação sempre mereceu atenção por partes dos filósofos, como por exemplo, Sócrates (470 a.e.C. - 399 a.e.C.), que adotava a maiêutica em suas intervenções filosóficas, essa intervenção é o que seria a arte de realizar partos. O

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dr. Suzano de Aquino Guimarães; Prof. Dndo. Paulo Fernando Souza da Silva Júnior, na seguinte data: 26 de março de 2025.

² Graduando em Licenciatura em Filosofia na UFPE.

³ Professor Do Curso de Licenciatura em Filosofia da UFPE

filósofo acredita que era possível extrair das pessoas conhecimentos, acreditando ele que não era detentor desse conhecimento, isso ocorria por meio de um processo dialético baseado na arte do diálogo e na construção de argumentos com o objetivo de alcançar conhecimentos e definições precisas em busca da verdade, ele para explicar sua arte a *Teeteto* se comparava as parteiras (Gabioneta, 2015).

Dentro desse contexto, não podemos ignorar que há método na construção do conhecimento, podemos pensar que ocorre um processo educacional, por meio de estratégias adotadas em busca desse processo, já que tais ações e procedimentos adotados estão vinculados à reflexão, compreensão e transformação da realidade.

Libânio (1994) corrobora que, os métodos estão orientados para o objetivo de promoção processo educativo, ocorrem dentro de um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos que ele denomina método de ensino, com isso o método tem fundamental importância para atingir os objetivos do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido podemos afirmar que a aprendizagem está ligada ao método que vai ser adotado além de outros fatores, essas ações ocorrem por meio de um movimento dialético em que os atores envolvidos se relacionam entre si e com consigo mesmo e com os outros, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, o método é o facilitador desse processo.

O pensamento de G. W. F. Hegel (1770-1831) proposto na Fenomenologia do Espírito (1807) coloca o sujeito como as figuras do sujeito e consciência que se desenha no horizonte e seu afrontamento com o mundo objetivo (Vaz, 2021). Entender como ocorre essa relação do sujeito consigo e com o mundo é entender os passos para a construção do conhecimento. Pensar que aprendizagem se dá na interação do indivíduo com o meio e consigo mesmo dentro de uma relação conflituosa e experiencial, ou seja, em um processo dialético de negação, afirmação e elevação parecido ao que Hegel fala na Fenomenologia do Espírito.

Destacamos que está presente no Organizador Curricular Trimestral - Formação Geral Básica (FGB) - Filosofia (2025), que é documento normativo para o Ensino Médio no Currículo de Pernambuco, uma referência explícita ao nosso filósofo:

HABILIDADES ESPECÍFICAS DOS COMPONENTES: (EM13CHS501FI17PE) Analisar os conceitos de Diversidade, Identidade e Alteridade identificando suas relações com elementos constitutivos do campo ético, tais como Liberdade, Autonomia e Responsabilidade, tendo como referências as correntes filosóficas da Idade Moderna e Contemporânea. OBJETOS DE CONHECIMENTO: A ideia de modernidade. Teorias do conhecimento: Racionalismo (Descartes), empirismo (Hume e Locke). Kant: criticismo. **Hegel** e Schelling: idealismo. Thomas Reid: realismo do senso comum. Realismo Político: Maquiavel. Iluminismo; Liberalismo; Contratualismo; Tripartição de poderes. Liberdade e tolerância (Secretaria, 2025, p.8, grifo nosso).

Nesse sentido podemos afirmar que a aprendizagem está ligada ao método que vai ser adotado além de outros fatores, essas ações ocorrem por meio de um movimento dialético em que os atores envolvidos se relacionam entre si e com consigo mesmo e com os outros, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, um caminho facilitador desse processo. E, deste modo, a dialética hegeliana pode apresentar uma concepção de desenvolvimento na relação do ensino de aprendizagem, já que esse processo é um processo dialético que busca a efetividade do aprendizado e promoção do ensino de filosofia.

Assim sendo, haveria na atividade pedagógica uma unidade dialética de perspectiva hegeliana entre os estudantes e educadores enquanto dinâmica no processo de ensino-aprendizagem?

Com efeito, há muito a se explorar nos escritos hegelianos, é preciso aprofundar-se nos estudos sobre Hegel no que se refere ao processo educativo, mesmo sabendo que se trata de um autor considerado de difícil compreensão, mas muito fascinante, e também pela sua importância na história da filosofia. Julgamos ainda a possível existência de uma proposta para educação, ou um sistema educacional, mesmo que de forma implícita, ou por assim dizer uma epistemologia pensada na forma de como o conhecimento pode ser adquirido, e com isso trazer uma contribuição para uma maior compreensão que fundamente um processo pedagógico para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, justificamos a escolha deste filósofo por enxergar no sistema hegeliano um método pedagógico para a prática do ensino da filosofia como principal meta.

Admitindo o paradigma hermenêutico e por se tratar de uma pesquisa teórica privilegia-se a pesquisa bibliográfica e a análise de fontes indicadas na bibliografia,

notadamente, trechos seletos de escritos hegelianos, a saber, Fenomenologia do Espírito (1807), Propedêutica Filosófica (1808-1811), Discursos sobre Educação (1809-1815) e Encyclopédia das Ciências Filosóficas (1830). Neste sentido, a pesquisa teve como objetivo investigar limites e possibilidades da relação entre dialética hegeliana e ensino de filosofia. Na primeira seção apresentamos uma brevíssima história da dialética até Hegel, bem como a dialética hegeliana a partir da Fenomenologia do Espírito e da Encyclopédia das Ciências Filosóficas. Na segunda seção buscamos distinguir a educação como *Bildung* e como *Erziehung*, bem como apresentar a perspectiva hegeliana sobre ensino de filosofia na Propedêutica Filosófica e nos Discursos sobre Educação. Por fim, na terceira seção investigamos limites e possibilidades da relação entre dialética hegeliana e ensino de filosofia.

2 A DIALÉTICA SEGUNDO HEGEL

A palavra dialética deriva do grego *dialektiké* (*techné*), que também se origina de *dialegesthai*, que significa conversar, originalmente tida como a arte da conversação usada por Platão para definir o método filosófico correto dos diferentes métodos utilizados em sua época, mas foi Zenão de Eléia e que foi considerado o fundador da dialética por meio de suas provas indiretas inferindo absurdos ou contradições na suposição em que ocorre o movimento (Inwood, 1997, p. 99).

Na Grécia antiga a dialética seria o diálogo que por meio de argumentações em cima de uma tese em busca de distinguir conceitos a respeito de um determinado tema. Aristóteles considera Zênón de Eléia (aprox. 490-430 a.e.C.) o fundador da dialética, enquanto outros consideram Sócrates (469-399 a.e.C.). Porém na concepção moderna a dialética seria pensar nas contradições (Konder, 2014).

Nesse contexto, Parmênides séc. VI a.e.C. afirmava que a realidade é imutável, ou seja, todo ente é igual a si mesmo, o princípio da identidade, esse princípio foi questionado por Heráclito séc. VI a.e.C. que afirmava que tudo estava em movimento, dizia que “que não possível banhar-se duas vezes no mesmo rio”, o movimento é o atributo fundamental das coisas e que a realidade não é apenas o Ser, mas o Não-ser, essa realidade se faz por meio de uma tensão que liga o Ser com o Não-ser, como a tensão do arco e da lira que gera a harmonia. A contradição seria a própria substância (Souza, 2004).

Com isso o pensador dialético mais radical seria então Heráclito de Éfeso como citado anteriormente do fragmento nº 91, pois nem o rio é o mesmo como também o homem, pois ambos estarão mudados. Os gregos chamam Heráclito por acharem esta concepção muito abstrata, isso por negar qualquer estabilidade do ser, preferindo assim a imutabilidade de Parmênides. Assim a metafísica de base não relacional acabou prevalecendo com a metafísica desprezando os aspectos mais dinâmicos da realidade (Konder, 2014).

Com Kant a dialética define a dialética como a lógica da ilusão (*Schein*), no que se refere à dedução de verdades que transcendem a nossa experiência unicamente de princípios formais, contudo usa como princípio favorável quando diz que a sua dialética transcendental é uma crítica a dialética da ilusão da dialética, um dos aspectos fundamentais da sua dialética que impressionou Hegel é a derivação de antinomias. Quando duas respostas existem duas respostas incompatíveis a um na questão, como exemplo “O mundo tem ou não um começo no tempo”, o que transcende a nossa experiência, o que mais tarde veio a influenciar a dialética hegeliana (Inwood, 1997, p. 99-100).

Hegel em resposta ao idealismo alemão vem com sua grande obra denominada Fenomenologia do Espírito, em que se propõe um Sistema da Ciência, uma articulação com fio de um discurso científico ou com as necessidades de uma lógica, a figura da consciência que se desenha no horizonte de um afrontamento com o mundo objetivo, a “ciência da experiência da consciência”, em face histórica e dialética.

Há um movimento dialético presente na Fenomenologia do Espírito, em que o sujeito⁴é colocado em um movimento histórico-dialético como fenômeno para si mesmo, que em seu próprio ato há um desenvolvimento do saber de um objeto que aparece no horizonte de suas experiências, da consciência em um processo de formação, através das experiências significativas de uma cultura (*Bildung*) (Meneses, 2011, p. 13).

⁴ “A substância viva é o ser que é sujeito, i. é: ‘ser que é real somente no movimento de se por si mesmo’; ou seja, ‘que é mediação em seu próprio *tornar-se outro e si mesmo*’” A consciência se limita a conhecer o que está em sua experiência; ora, o que nela está é apenas a substância espiritual e ainda assim como “objeto” de seu Si. O espírito se torna objeto, porque é este movimento de fazer-se *outro para si mesmo* - um objeto próprio de seu próprio Si – e depois suprassumir este ser-outro (Meneses 1994, p.20-25).

Conhecer o objeto é no fundo se conhecer, pois nos apropriamos do conhecimento por meios de nossas sensações de como o fenômeno é posto para nós, a essência dessa relação está em resolver as contradições diante das representações, com isso conhecimento é gerado mediante a relação que temos como objeto, com isso o conhecer está nesse relacionamento, conhecer é relacionar-se com objeto, o conhecimento nem está no objeto e nem no sujeito que o conhece, mas na relação da construção deste.

A dialética é o conceito central na filosofia hegeliana e é na Encyclopédia das Ciências Filosóficas em que ele desenvolve de modo mais sistemático este conceito que tem como ponto central compreender a realidade e o pensamento⁵. Hegel desdobra a partir do conceito de si mesmo, em um rumo constante em que se avança por meio de relações nas diferenças, um entendimento universal das coisas em seu vir-a-ser, e é através desse movimento dialético em percurso histórico apresentado em sua forma de concepção de mundo concreto e absoluto (Santos, 1984).

É da mais alta importância apreender e conhecer devidamente o dialético. O dialético, em geral, é o princípio de todo o movimento, de toda a vida, e de toda a atividade na efetividade. Igualmente, o dialético é também a alma de todo o conhecer verdadeiramente científico (...) Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialético (...) Além do mais, a dialética se faz vigente em todas as esferas e formações do mundo natural e do mundo espiritual. Assim, por exemplo, no movimento dos corpos celestes. Um planeta está agora nesta posição, porém é em si [por natureza] estar também em outra posição; e, movendo-se, leva à existência esse seu ser-Outro (...) No que toca à presença da dialética no mundo do espírito, e mais precisamente no âmbito do jurídico e do ético, basta recordar aqui como, em virtude da experiência universal, o extremo de um estado ou de um agir costuma converter-se em seu contrário; (...) A consciência da dialética no âmbito da ética, em sua figura individual, encontramos nestes adágios bem conhecidos por

⁵ Antes da Encyclopédia, Hegel escreveu a Ciência da Lógica (1812-1816), conhecida como “Grande Lógica”. A Ciência da Lógica, volume 1 da Encyclopédia, é conhecida como “Pequena Lógica”. Esta segunda trata-se de um resumo da primeira. Pois, conforme diz Hegel (1995, p.14-16, grifo do autor): “se as circunstâncias tivessem permitido, eu poderia ter julgado mais vantajoso, com referência ao público, fazer editar antes um trabalho mais desenvolvido sobre as outras partes da filosofia, — tal como [o que] publiquei sobre a primeira parte do todo, a *Lógica*; (...) esforcei-me por atenuar e reduzir o [aspecto] formal da exposição, e também, mediante notas exotericas mais extensas, fazer os conceitos abstratos aproximarem-se do entendimento ordinário e de suas representações concretas. Mas a brevidade concisa que um Compêndio faz necessária — em matérias aliás abstrusas — permite manter nesta segunda edição a mesma destinação que tinha a primeira: a de servir como livro-de-texto, o qual deve receber pela exposição oral seu indispensável esclarecimento”.

todos: “O orgulho precede a queda”; “Lâmina afiada demais fica cega”, etc. Também a sensibilidade — tanto corporal como espiritual — tem sua dialética. Pois, bem conhecido como os extremos de dor e de alegria passam um para o outro; o coração cheio de alegria se alivia em lágrimas, e a tristeza mais íntima costuma, em certas circunstâncias, revelar-se por um sorriso” (HEGEL; 1995; §81, Adendo, p.163-165, grifos do autor).

Na obra Encyclopédia das Ciências Filosóficas, Hegel por meio da dialética organiza e explica o sistema filosófico como um todo em uma obra dividida em três momentos principais que são “Lógica”, “Filosofia da Natureza”, “Filosofia do Espírito”.

A “Ciência da Lógica” é a primeira parte do seu sistema filosófico é dividido em três como as citadas anteriormente, essas partes se diferenciam entre si em um processo dialético em que o espírito é a unidade concreta da lógica e da natureza do sensível. Cada parte de sua filosofia é um todo filosófico em um círculo que se fecha sobre si mesmo, o todo que se apresenta em círculo de círculos em que cada momento é necessário de modo que forma uma ideia toda e ao mesmo tempo uma singularidade (Meneses, 2006 p. 22).

A Lógica corresponde às categorias puras do pensamento o ser e a essência do conceito, a inquietude o vir-a-ser, essa é a base da ciência da lógica, mas ao mesmo tempo esse vir-a-ser é capaz de conduzir a algo determinado o ser-aí, uma unidade sossegada no sentido de forma unilateral e finito, mas também essente, isto é uma qualidade deduzida do vir-a-ser, o ser-aí é um vindo-a-ser, sendo assim a doutrina da lógica é a doutrina do ser (Ferreira, 2020).

Ainda para Hegel esse sujeito é colocado como um verdadeiro papel do Negativo⁶, posto em sua filosofia, onde esse sujeito que ocupa o lugar do Devir⁷ e de

⁶ Pura e simples negatividade é o sujeito, enquanto cisão do simples em duas partes, duplicação oponente, fissão que dilacera a imediatez fazendo assim cada termo, desdobrando-se, torna-se concreto em um todo. A consciência, “ser-aí” (*Daisen*) imediato do espírito, tem dois momentos: o do saber e o da objetividade – negativo em relação ao saber. O negativo em geral é a não igualdade, ou a diferença, que se manifesta na consciência entre o Eu e a substância, que é seu objeto (Meneses, 1992, p. 24-25)

⁷ Na história da filosofia, Hegel associa o ser especialmente com Parmênides, que argumentou que, como o que é não pode não-ser, o ser exclui toda negação, determinidade e devir. O Devir está associado para Hegel, com Heráclito, que sustentou que tudo está envolvido não em ser, mas em contínuo conflito devir e conflito. A oposição e conflito são essenciais do devir (Inwood 1997, p.292-293). ... O devir ou vir-a-ser, enquanto noção se opõe para além do ser e do nada (...) é o momento do conceito (...) na sua trajetória de efetivação (Moraes 2003, p.110)

Mediação⁸, em uma dialética interna. Essa Mediação é a igualdade-consigo-mesmo, em um movimento de reflexão sobre si, momento do eu que é para si, na pura negatividade simples do Devir (Meneses, 2011, p.7-21).

Na “Filosofia da Natureza” a dialética tem como objeto a ideia da forma do seu ser-outro, é a exteriorização do conceito de natureza em que o espírito se aliena em formas materiais, Hegel examina como o pensamento se manifesta no mundo físico, essa alienação ocorre em três momentos segundo Meneses (2006, p. 26):

O primeiro é a ‘mecânica’, elemento da diferença, da exterioridade recíproca completa. O segundo é a ‘física’, em que a identidade está presente no nível da realidade diferente. O terceiro é a esfera ‘orgânica’, em que a identidade da identidade e da diferença a identidade, é o organismo vivo em sua totalidade. Ali, o conceito existe ‘naturalmente’, mas só se encontra sua verdade no Espírito, no qual o conceito existe e se manifesta num elemento que é a própria universalização.

Ainda o mesmo autor refere que a “Filosofia do Espírito” é o momento em que ocorre o retorno do espírito a si mesmo, um suprassumir⁹ de sua alienação com a natureza. Hegel coloca esse processo em três momentos representados pelo “Espírito Subjetivo”, onde a alma é suprassunção da natureza; pelo “Espírito Objetivo” momento em que se abrange o Direito e a História; e pelo terceiro momento do “Espírito Absoluto”, unidade do Espírito Subjetivo e do Espírito Objetivo suprassumidos, em que se forma a Ideia que substância e sujeitos são os mesmos, nesse momento dialético o espírito se sabe de toda a verdade, pois se conhece como espírito absoluto

⁸ A mediação é igualdade-consigo-mesmo, em movimento; reflexão sobre si, momento do eu que é *para-si*, pura negatividade simples do devir (Meneses 1994, p.21).

⁹ “Como na nossa tradução da *Fenomenologia do Espírito* (Vozes, 1992), usamos *suprassumir* para *aufheben* (...). As críticas fáceis a essas pequenas inovações não nos convenceram. O prefixo “supra” não nos pareceu despropósito, já que toda a gente diz. supracitado, supra-sensível etc. Suprassumir é melhor que “sobressumir”, não só porque “sobre” tem a ressonância de “em cima”, e supra a de “acima”, mas porque a ambigüidade sumir/suprassumir fica muito bem para este “desaparecer conservante” que é o *aufheben* (HEGEL, 1995, p.9-10 [Nota do tradutor]).“Aqui, apontamos as principais escolhas de alguns termos técnicos que precisam ser justificados: *Aufheben*. A fim de dispor de um verbo que pudesse expressar as três nuances de *aufheben* (isto é: negar, conservar, elevar), resolvemos seguir a solução já oferecida por Paulo Meneses: o neologismo suprassumir. Este verbo foi cunhado justamente para significar o caráter progressivo de uma ação que, ao mesmo tempo, realiza um suprimir [sumir], um conservar [assumir] e um elevar [supra+assumir]. A nosso ver, as outras opções disponíveis estão afetadas por unilateralidades ou evidentes diferenças semânticas, que podem ser fonte de uma compreensão desviante do texto hegeliano, como por exemplo, “superar”, “remover” ou suspender” (HEGEL, 2016, p.20 [Nota dos tradutores, grifos dos tradutores]).

A Lógica na dialética passa ser Ontologia, com isso a dialética em Hegel não pode ser isolada do seu sistema, passando a estrutura do sistema como um todo em que é o movimento do próprio conceito (Andrade; Saldanha, 2025).

Também Hegel ao desenvolver a sua filosofia rejeita a noção de conceito e pensamento conceitual presente em Kant “O Eu ou o Entendimento” (Pag.73), a faculdade de conceitos em contraste com a faculdade da razão, situado em um mundo de objetos que é acessível através da intuição, Hegel contesta e faz a seguinte distinção:

Os conceitos não são nitidamente distintos do Eu: dizer que eles são “meios usados pelo o entendimento no pensar” é como dizer que “mastigar ou engolir alimentos é meramente um meio de comer, como se o entendimento fizesse muitas outras coisas além de pensar”... Sem conceitos, não poderia haver Eu ou entendimento, e sem conceitos não poderia *ABSTRAIR conceitos ou concepções dos dados sensoriais, ... o Eu com um (ou o) conceito: Eu (e espírito) forma uma unidade peculiar íntima que não podem ser explicadas pelas categorias mecanicistas de CAUSALIDADE e *RECIPROCIDADE, ... O Eu é totalmente universal ou indeterminado..., ao contrário de Kant, diferentes conceitos categóricos tornam-se sucessivamente acessíveis ao longo da HISTÓRIA (Inwood, 1997, p. 73-74)”.

A dialética em Hegel é desenvolvida em três momentos distintos. O primeiro é o “Entendimento”, os conceitos são fixos distintos nitidamente uns dos outros. O segundo é onde se reflete sobre tais categorias, é o momento em que uma ou mais contradições emergem nelas, este é o momento propriamente dito da “Dialética, ou Razão Dialética”. Por fim o terceiro momento é o resultado da dialética, uma nova categoria superior que envolve as anteriores resolvendo as contradições nelas envolvidas, esse é considerado o momento da “Especulação ou Razão positiva”, ainda o mesmo sugere essa nova categoria como a “Unidade dos Opostos”, o que se ajusta em alguns casos como o “Ser, Nada e Devir” (Inwood, 1997 p.100).

Hegel trabalha conceitos da percepção, da sensibilidade e do entendimento e como a consciência se relaciona com o conhecer, para ele conhecer o objeto envolve a subjetividade que tem como base as relações entre consciência e suas ações e produtos do mundo. Segundo Maloren (2024, p.85) a subjetividade é o meio pelo qual a objetividade passa a ser construída e compreendida, ou seja, conhecer o objeto é conhecer a si mesmo, porque no objeto está operante o pensamento:

§166 – *[In den]* Nos modos precedentes da certeza, o verdadeiro para a consciência algo outro como ela mesma. Mas o conceito desse verdadeiro desvanece na experiência [que a consciência faz] dele. ...O conceito do objeto se suprassume no objeto efetivo; a primeira representação imediata se suprassume na experiência, e a certeza vem a se perder na verdade. ... Chamemos o *conceito* o que o objeto é em *em-si*, o objeto é como *objeto* é ou *para-um*; então fica patente que o ser-*em-si* e o ser-*para-um*-Outro são o mesmo. ... O Eu é conteúdo da relação e a relação mesma; defronta um Outro e ao mesmo tempo ultrapassa; e este Outro, e este para ele, é apenas ele próprio (Hegel, 2021 p.135).

A relação entre sujeito e objeto é indissociável, esse é o momento de supressão (*Aufheben*), momentos em que as diferenças são supressas, com isso a verdade não se encontra nem no sujeito e nem no objeto, mas no jogo de forças de relação, conhecer o objeto é conhecer a si mesmo, porque no objeto está operante o pensamento (Paulo Meneses, p.29).

3 O ENSINO DE FILOSOFIA SEGUNDO HEGEL

A educação em Hegel é considerada o ponto central para o desenvolvimento do espírito humano seja nas relações afetiva e efetiva (na sociedade), o ponto de partida para esse desenvolvimento é abordado em cima de dois aspectos que são “*Bildung*” e “*Erziehung*”, embora ambos os termos estão relacionados e educação existem diferenças distintas entre ele, de acordo com Inwood (1997):

O alemão tem duas palavras comuns para “educar” e “educação”: *bilden* e *erziehen*, e *Bildung* e *Erziehung*. *Bilden* também significa “formar, moldar, modelar, cultivar” e, antigamente, *Bildung* denotava apenas a formação física de uma entidade; no século XVIII, J. Moser deu-lhe sentido de educação, cultura, “cultivação, cultura”, como processo e como resultado. Mas *Bilden* e *Bildung* enfatiza o resultado da educação, *erziehen* e *Erziehung* o processo. Assim, *Erziehung*, ao contrário de *Bildung*, não significa “cultura”.

Os termos “*Bildung*” e “*Erziehung*” possuem significados próximos, contudo é preciso distingui-los devido a sua riqueza de particularidades, o primeiro se refere a educação como fato concreto enquanto o segundo envolve o aspecto de forma gradual da ação educativa, ainda que os dicionários do uso linguístico moderno atribua educação ao segundo termo o sentido de uma ação dirigida com objetivos propedêuticos bastante definidos. Já o primeiro termo a *Bildung* como formação seria como resultado de um processo que não alcança seu fim como atividade metódica da educação, mas sim por meio da atividade espontânea do indivíduo ao

longo do caminho de auto-aperfeiçoamento, sendo uma atividade espontânea (Nicolau, 2019 p. 31).

Nesse sentido *Bildung* está relacionada ao processo da formação cultural, moral e intelectual, essa formação ocorre com a interação do mundo e a cultura, nesse sentido o indivíduo se torna humano em sua plenitude quando se apropria do conhecimento e dos valores da sociedade em que se vive. É a internalização da cultura que faz com que o indivíduo transcend a sua particularidade para a universalidade. Durante esse processo ocorre também a alienação quando o indivíduo se distancia de si e se reconhece no mundo objetivo em movimento dialético suprassumindo e retornando a si de forma mais elevada.

Ainda segundo Barros (2021 p.21), a *Bildung* ocorre em um processo transformador quando o espírito avança no saber de si mesmo rumo ao espírito subjetivo, com isso a *Bildung* ganha um significado no sistema educacional alemão, que para muitos foi entendido como cultura dando significado nas relações do homem e a múltiplas conexões necessárias na sua formação.

Assim sendo a *Bildung* é auto-educação do espírito na dimensão de sua vida subjetiva por isso deve ser entendido como cultura, o avanço de saber a si mesmo como por meio da experiência consigo mesmo, para Hegel esse processo de desenvolvimento do espírito move consigo a transformação da *Bildung* ao longo do tempo. Esse mover do espírito ocorre através de um processo dialético de reconhecimento de si consigo mesmo ao longo de uma trajetória histórica na formação subjetiva do espírito. Nesse trajeto do espírito ele experimenta duas faces da *Bildung*, a primeira é produzida pelo trabalho e o reconhecimento, a segunda que resulta da figura moral por meio da alienação em um jogo de tensão entre o reino da *Bildung* e o reino da essência, e a terceira cindida a sensibilidade e a razão, conceituando a efetividade, resultando no desenvolvimento subjetivo do espírito mediado pela cultura (Silva, 2013).

Quanto a *Erziehung* é um termo que está ligado à educação como formação moral e que está geralmente associado a grupos da sociedade e determinadas pela vida no espírito efetivando a essência do espírito em um determinado momento finito em seu adequar-se na sociedade corrente. Em Hegel, a *Erziehung* é essencial para

preparar o indivíduo para a vida ética (*Sittlichkeit*) na sociedade, especialmente na família, na sociedade civil e no Estado (Silva, 2013).

Nesse sentido entende-se que a educação na família mediada pelos pais com os filhos, é também a educação para a vida no estado. De acordo com Novelli (2012) Hegel emprega o termo *Erziehung* como uma educação familiar em termos de cuidados e proteção, assim sendo cabe à família educar a criança e o jovem para além de si, ou seja, para além da própria família, para outras famílias e para com que é com elas, a educação do rebento para sociedade civil-burguesa.

Para Hegel essa relação da família com a educação para a sociedade civil-burguesa ocorre da seguinte forma:

§ 238 É a família em primeiro lugar, o todo substancial a quem compete prover o lado particular do indivíduo, tanto quanto aos meios e habilidades requeridos para que possa a si mesmo qualquer parte da riqueza universal, como quanto à sua subsistência e ao seu abastecimento no caso de intervir uma incapacidade. Mas a sociedade civil burguesa arranca o indivíduo a esse laço familiar, torna estranho uns aos outros membros ligados por laço, reconhece como pessoas autônomas; e, para além disso, substitui a natureza inorgânica exterior e o solo paterno, onde o indivíduo singular tinha a sua subsistência, pelo seu próprio solo, submete a existência de toda família à dependência para com ela, a contingência. Foi assim que o filho se tornou *filho* da sociedade civil burguesa, tendo tantas exigências em relação a ele como direitos ele tem em relação a ela (Hegel, 1979 p. 130).

Ainda Silva (2013) afirma que a *Erziehung* deve objetivar o conjunto de idéias que constituem a *Bildung* em uma dada sociedade ou em um grupo social, e a sua relação compõem a identidade cultural e a formação ética, contudo os procedimentos educacionais nem sempre aproxima esse sujeito desse ideal cultural, a *Erziehung* surge como caminho para alcançar a *Bildung*, ou seja, a educação formal e a orientação informal levariam o indivíduo a engajar-se em um processo de desenvolvimento espiritual e de autoformação, sendo posto pelo mesmo:

Assim, a *Bildung* é um dos resultados desse processo de autoeducação do espírito, realizado no âmbito de sua dimensão subjetiva, ... o espírito objetivo se dá na história (tais como estado, família e religião), a educação desempenha seu papel magnífico no processo efetivo no mundo entendida como processo de ensino-aprendizagem ... a demanda político-pedagógica da própria sociedade a educação é *Erziehung*. Portanto, se *Bildung* ... é o espírito subjetivo .. daí entendida também como cultura; a *Erziehung*

na perspectiva do espírito objetivo educação como um conjunto de ações efetivas no campo pedagógico ... realidade objetiva do espírito (Silva, 2013, p.21-22).

O autor corrobora Hegel em relação à *Bildung* e *Erziehung* enquanto meio fundamental para o desenvolvimento do espírito humano, permitindo ao indivíduo transcender a particularidade para o universal, realizando a sua liberdade e reconciliando com a sociedade e o estado, se integrado com estes de forma ética com a sua cultura.

No “Escrito do Humanismo de Niethamer”, e particularmente na Normativa, Hegel oferece as estruturas e orientação à nova formação ginásial, plano escolar que o mesmo participava ativamente dando ênfase ao pensamento racional especulativo. Durante as suas aulas no ginásio superior Ele transmite pensamentos fundamentais de sua filosofia presente na enciclopédia que o mesmo elaborava, e considerando a filosofia como disciplina central na formação ginásial. Para Hegel a dialética dos eleatas seria a mais adequada para o ensino, visando o começo dos pensamentos especulativos, mas Ele se apoiava também em seus próprios pensamentos (Vieweg, 2024 p.338-339).

Hegel em seu discurso de 29 de setembro de 1809 refere sobre preparação para o ensino erudito e que este, deveria se basear nos estudos dos gregos e romanos por ser o solo de germinação de toda a cultura juntamente com os estudos das ciências, e de línguas como o latim e o grego. Para ele, à medida que o que se aprofundava na gramática permite subsumir do particular para o universal, revelando um dos meios mais nobres de formação (Hegel, 1991).

Ainda dentro desse contexto as abordagens de Hegel sobre o ensino de filosofia são referentes aos seus discursos que ocorreram no período enquanto consultor do governo em assuntos educacionais. Isso ocorreu em 1812 em Nuremberg quando enviado ao ministério da Prússia ao reformador de ensino da Baviera em 1822. Quanto ao ensino da filosofia e seu caráter propedêutico, a filosofia teria espaço limitados no Gimnasio, isso como uma disciplina que deve ser reservado duas horas semanais juntamente com outras disciplinas (Bourgeois, 1978). O termo “propedêutico” é originário do grego “*propaideuein*”, que seria o estudo introdutório, a preparação e iniciação a outra ciência, ou a introdução a outra ciência

(Japiassú & Marcondes, p. 94). Nesse sentido podemos também dizer que é ensinar para preparar, o que em contexto filosófico seria ensinar a pensar de maneira autônoma, sistemática e questionadora, então a “propedêutica filosófica” é a preparação para desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, é a base de preparação para o conhecimento intelectual como um todo.

Em função desse caráter propedêutico, o ensino de filosofia deve ter pretensões e espaço limitados no Ginásio. Deveria ser reduzida para duas horas semanais, às disciplinas de moral, religião, psicologia e lógica durante um ou no máximo dois anos e reservada aos últimos anos do Ginásio. (Bourgeois, 1978, p. 63).

Hegel em uma carta a *Niethammer* ele refere a intenção de escrever um livro sobre a “Pedagogia Política”, campo em que se tracionar uma reforma para o ensino, segundo Fernandes (1994, p.10) na enciclopédia no § 387, Hegel faz uma distinção entre a perspectiva pedagógica e perspectiva filosófica:

é preciso distinguir entre o que é cultura e o que é educação. Esta última esfera refere apenas aos sujeitos singulares como tais, [a saber] que o espírito universal seja nele levado a existência. Na visão do espírito como tal, este é considerado nele mesmo enquanto formando-se e educando-se segundo o seu conceito, e as exteriorizações são consideradas como momentos do se acto de se produzir para si mesmo, de se desencadear consigo mesmo, e só mediante isso o espírito efectivo.

Ainda para Hegel (*apud* Vieweg; 2024), a filosofia é considerada uma ciência preparatória pela forma como é colocada, ao testar o pensamento filosófico permite melhorar a compreensibilidade.

Hegel (*apud* Losurdo, 2019, p.310) ainda destaca que

os pais não devem almejar apenas obter vantagens do trabalho dos filhos. Portanto, o Estado tem a obrigação de proteger as crianças. Na Inglaterra, crianças de seis anos são utilizadas para limpar chaminés estreitas; nas cidades industriais da Inglaterra, crianças de tenra idade são obrigadas a trabalhar, e somente aos domingos se provê de alguma forma para sua educação. O Estado tem, então, o dever absoluto de garantir que as crianças sejam educadas.

A educação filosófica para Hegel está relacionada à historicidade do espírito, pois é o próprio espírito que se forma e se educa. Nessa perspectiva é importante

reconhecer o quanto a filosofia se torna um campo na propedêutica que encaminha para a compreensão rumo à autonomia do ser humano.

Ainda segundo Hegel (1989, p.371), ao aprender filosofia se aprende a filosofar, pois na efetividade desse aprendizado se filosofa, ao conhecer o conteúdo da filosofia, outro fato é que a filosofia contém os mais altos pensamentos racionais em relação aos objetos essenciais, em si está contido o universal e o verdadeiro, nesse sentido se dá a importância de familiariza-se ao seu conteúdo acolhendo nos nossos pensamentos, tal como a importância da doutrina do direito, a moral, a religião são âmbitos de importantes conteúdos.

O mesmo autor ainda refere que a filosofia deve ser ensinada como qualquer outra ciência para promoção da autonomia do pensar, como Ele coloca:

B. O conteúdo filosófico tem, no seu método e na sua alma, três formas; 1. é abstracto, 2. dialéctico, 3. especulativo. É abstracto, porquanto existe em geral no elemento do pensar; mas de um modo simplesmente abstracto, em contraposição com o dialéctico e o especulativo, ele é o chamado elemento intelectivo, que fixa e chega a conhecer as determinações nas suas rígidas diferenças. O dialéctico é o movimento e a confusão das determinidades rígidas – a razão negativa. O especulativo é o positivamente racional, o primeira e genuinamente filosófico.

4 ENSINO DE FILOSOFIA E DIALÉTICA HEGELIANA: LIMITES E POSSIBILIDADES.

A dialética hegeliana é desenvolvida a partir do conceito de si mesmo, esse desenvolvimento se dá por meio de relações de diferenças, rumo ao entendimento universal presente das coisas no próprio vir-a-ser. A realidade para o filósofo é um processo dinâmico mediado por contradições nos quais os opostos se interrelacionam e se suprassumem. A relação é um ponto fundamental na dialética é o conteúdo da dialética refletida em uma tensão da unidade é a forma como essa dialética se apresenta.

Essa tensão dialética da consciência por meio da experiência, está presente na Ciência da Lógica e na Filosofia da natureza, e tem como força a negação determinada em que cada nível de desenvolvimento culmina no “suprassumir (*Aufheben*)” que é formado por momentos como o “Negar (*Niegeren*)”, seguida do

“Conservar (*Aufbewahren*), isso em uma passagem de um nível para o outro de desenvolvimento. A negação ou o negativo é o motor da dialética na condução do espírito (Rankings, 2010).

Ainda o mesmo autor refere que Hegel entende que o conteúdo filosófico possui três formas bastante distintas que são: A Forma Abstrata, vista que a mera apreensão do como a atividade intelectual, a segunda a Forma Dialética que exemplifica a contestação das determinações estabelecidas pela abstração, e a terceira a Forma Especulativa que é a suspensão das fragmentações operadas tanto pela abstração quanto pela dialética.

A forma contraditória presente na dialética é que conduz a marcha do espírito rumo desenvolvimento da natureza humana ou ao saber absoluto, que segundo Meneses (2006, p.182):

Aqui termina as andanças épicas e, como Ulisses em sua Ítaca, o espírito repousa na morada de Penélope, a *Wissenschaft* ou “ciência. O “saber absoluto” não tem nada desse “absolutismo” que os adversários de Hegel (ou os que querem entendê-lo) lhe atribuem: é simplesmente a filosofia, quer dizer, o pensamento conceitual ou especulativo. É absoluto por não estar condicionado às representações, por ser um exercício de racionalidade pura. ... A ciência e o conceito. Essa última figura, do espírito que dá forma a Si ao seu conteúdo, é o saber conceitual ou absoluto.

O processo educacional pode ser considerado um processo dialético, no sentido que o próprio educar se faz por meio de uma relação que necessita de um diálogo entre o professor e aluno, diálogo este que tem como base debates e impasses durante todo o tempo, isso por meio de temas objetivos e subjetivos que são significados e ressignificados gerando novos conhecimentos ou ressignificando os que já existem. Todo esse caminho é feito através da dialética como já posto anteriormente, que a “dialética” tem como significado a arte do diálogo, a arte de debater, de persuadir ou raciocinar. Mas é preciso também saber que esse processo potencializa em ambos os atores, na medida em que suprassume os momentos do aprendizado, capacidades cognitivas, afetivas e de conhecimento e de relações sociais para a sua vida efetiva na sociedade.

Ainda nesse sentido, segundo Rankings (2005) a educação proporciona ao indivíduo sair do seu estado natural para o social, dando-lhe autonomia e o

transformando senhor de si em seu meio social, ressignificando a sua vivência em seu contexto, renúncia a particularidade em sacrifício ao universal. O indivíduo que antes vivia em sua individualidade passa a coletividade, reconhece o seu povo e é reconhecido por eles.

Em Hegel a dialética se faz presente na Fenomenologia do Espírito é publicada em 1807, quando Hegel tinha 37 anos, foi considerada uma das mais geniais obras da história da filosofia, em concepção totalmente original. A sua obra tinha como proposta percorrer as experiências oriundas do caminho consciência, com relação ao desenvolvimento humano mostrando o sentido mesmo do seu percurso em um saber que o funda e justifica (Meneses, 2003 p.11-12).

Na Ciência do Espírito, Hegel coloca a relação do espírito com exterior e ainda a divide em três seções:

§ 127 O espírito começa unicamente a partir do exterior, determina este relacionar-se doravante apenas consigo mesmo e com suas próprias determinações. § 128 A filosofia do espírito engloba três seções. Considera 1. o espírito no seu conceito, psicologia em geral, 2. a realização do espírito, 3. o cumprimento do espírito na arte, na religião e na ciência (Hegel, 1989 p.55).

Segundo Wolfart (2013 11-21), as ideias principais que são sustentadas na “Fenomenologia do Espírito” bem como na “Ciência da lógica” remete a práticas pedagógicas presente na “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, é semelhante ao posto em sua obra em que o espírito se manifesta de forma reflexiva e histórica e efetiva historicamente na medida em que esse é reflexivo. A dialética do “Senhor e do Escravo”, faz uma analogia à “Pedagogia do Oprimido” em Paulo Freire, momento de contradição caracterizada pela dualidade entre o opressor e o oprimido. Nessa lógica de dominação em que a educação é mediatizada pela sociedade, mas também a escola pode ser mediatizadora nessa relação, ela se transforma em instância de construção da sociedade.

Para Bourgeois (2004), Hegel propõe à escola a fundação ontológica do espírito, ao aplicar-lhe a articulação racional das determinações objetivas do espírito.

Nesse sentido devemos pensar na educação como um momento importante na formação desse indivíduo inserido na sociedade civil, para tanto é necessário que

essa educação para atingir o seu propósito que busquem métodos pedagógicos em sua prática didática na relação entre professores e alunos, digo no sentido da educação escolar, que sejam capazes de serem efetivos no seu projeto.

Para Lira (2016, p. 28) a aprendizagem ocorre na interação do indivíduo e do meio social com possibilidades que são criadas pelas constantes mediações do sujeito em um determinado contexto histórico e social ao seu redor.

Ainda é preciso pensar que esse processo de ensino-aprendizagem se faz por meio da construção de conhecimentos onde o professor deve oportunizar situações ao aluno que provoquem uma interação do interior com exterior, e essas atividades devem possibilitar o desenvolvimento cognitivo. Ensinar é provocar o desequilíbrio da mente do estudante para que numa reconstrução de novos esquemas, busque o reequilíbrio, resultando na construção de novos esquemas tendo como fim a aprendizagem (Tabile & Jocometo, 2017).

Entender como ocorre essa relação do sujeito consigo e com o mundo é entender os passos para a construção do conhecimento, como posto na propedêutica:

§ 94 O conhecimento é a representação de um objeto segundo as suas determinações existentes, tais como as mesmas estão compreendidas na unidade do seu conceito e daí resultam ou enquanto, inversamente, a própria atividade do conceito a si fornece determinações. Estas determinações, postas como incluídas no conceito, são o conhecer ou a idéia que se realiza nos elementos do pensar (Hegel, 1989 p.43).

Sendo assim o processo educativo dialético em sua efetividade não pode ser passivo, o que nesse sentido, para que ocorra uma educação efetiva e de suprassunção, o método a ser utilizado tem que ser pautado em um processo que estimule a participação do indivíduo na construção do conhecimento.

A educação é vista como uma prática concreta, que pode modificar as relações sociais, éticas, econômicas e políticas, e é por meio dela que ocorrem as transformações de uma sociedade. Contudo, para que esses propósitos possam ser alcançados, se faz necessário uma prática pedagógica baseada em teorias científicas, que estejam diretamente relacionadas e comprometidas com esse processo, por meio de métodos, técnicas, conteúdos, que atenda as expectativas e

interesses dos alunos, tendo como objetivo a educação, é nesse contexto que a didática se faz presente.

Por conseguinte, a didática se posiciona como mediadora entre as bases teóricas científicas, fortalecendo a educação, e é por meio do professor que ocorre essa consumação como momento integrante do processo. Dentro desse contexto do docente na sua prática, promove as condições e meios pelos quais os alunos assimilam os conhecimentos, habilidades e convicções, de forma ativa e transformadora nas instâncias sociais e coletivas.

5 CONCLUSÃO

O ser humano em sua complexidade cognitiva e na relação que ele tem com o mundo sempre foi alvo de estudo. Compreender e apreender como ocorre essa relação significa chegarmos mais perto de fortalecer a educação, visto que isto representa o processo de ensino e aprendizagem; é nesse movimento dialético que temos essa essência dialética em todo momento de nossas vidas ao negarmos, afirmarmos e elevarmos em suprassunção os momentos durante a marcha rumo ao conhecimento, podemos realizar avanços durante a nossa prática pedagógica.

Nesse sentido é preciso aprofundar mais os estudos sobre as suas obras de Hegel no que se refere à relação da dialética com processo educativo, às suas possibilidades e seus limites, dado a importância desse processo, mesmo sabendo que Hegel é considerado um autor de difícil compreensão, contudo a sua filosofia possui uma infinita riqueza e sabedoria até os dias atuais seja no saber filosófico ou pela prática do ensino de filosofia.

Extrair algo que contribua para o processo pedagógico educativo é pensar em criar possibilidades para o desenvolvimento do aprendizado durante relação ensino-aprendizagem, visto que, já que a própria Fenomenologia do Espírito representa a marcha dialética consciência rumo ao saber absoluto.

Por fim, concluo que o movimento dialético hegeliano, presente em seu sistema filosófico exposto neste artigo, pode ser uma possibilidade fortalecedora no que se refere ao ensino de filosofia durante a prática pedagógica em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J; SALDANHA, V. Tradução “A história da dialética” - Herbert Marcuse. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/trans/a/MgQbbJ577gMLPqmMfyFmFJg/>. Acesso em: 02 de fev. 2025.

BARROS, H. A BILDUNG NA EDUCAÇÃO EM HEGEL: Considerações sobre a apreensão hegeliana da educação e suas possíveis contribuições à realidade contemporânea. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/51758/1/DISSERTA%C3%87%C3%883O%20Helder%20Francisco%20Bezerra%20de%20Barros.pdf>. Cesso em: 02 de fev.2025.

FERREIRA, G. A Lógica do conteúdo no reino das sombras: O início e o princípio da ciência da lógica de Hegel. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/28876>. Acesso em: 02 de fev. 2025.

GABIONETA, R. A maiêutica socrática como ‘União’ de teorias de Teeteto. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/326/301>. Acesso em: 11 de set. 2023.

HEGEL, G. A Sociedade Civil Burguesa. Lisboa: Editora Estampa, 1979.

HEGEL, G. Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser. Petrópolis, RJ: Vozes;
Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

HEGEL, G. Discursos sobre Educação. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

HEGEL, G. Encyclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I: A Ciência da Lógica. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, G. Escritos pedagógicos. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991.

HEGEL, G. Fenomenologia do espírito. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HEGEL, G. Propedêutica Filosófica. Rio de Janeiro: Edições 70. 1989.

INWOOD, M. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1997.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 4º Ed.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LIBÂNEO, J. Didática. São Paulo: Cortês 1994.

LIRA, B. Práticas pedagógicas para o século XXI: A Sociointeração Digital e Humanismo Ético. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LOSURDO, D. Hegel e a liberdade dos modernos. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARLOREN, M. 10 Lições sobre Hegel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

MENESES, P. Abordagens Hegelianas. Rio de Janeiro: Vieira & Lente, 2006.

MENESES, P. **Para ler a fenomenologia do espírito: roteiro.** São Paulo: Loyola, 2011.

NICOLAU, M. A "Bildung" hegeliana ainda nos é uma proposta possível? **Educação e Filosofia**, v. 29, n. 58, p. 647 - 663, jul./dez. 2015. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/26016> Acesso em: 05 ago. 2023.

NICOLAU, M. **O conceito de Bilgung em Hegel.** Sobral: Sertão Cult; 2019.
Disponível em:
https://www2.uva.ce.gov.br/apps/view/contador_acesso.php?buscar=011500004191
Acesso em: 03 fev. 2025.

NOVELI, P. **A Universalidade da educação em Hegel.** Disponível em:
<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/5150>. Acesso em: 03 de fev. 2025.

NUNES, R. **Hegel, dialetica, educação : sobre a contribuição da dialetica hegeliana para a praxis educativa** Disponível em:
<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/245247> Acesso em: 03 fev. 2025.

PLEINES, J. **Friedrich Hegel.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco,
EditoraMassangana, 2010. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4671.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

RANKINGS, S. **Synanaireīsthai e Aufheben: alguns aspectos das dialéticas platônica e hegeliana.** Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/kr/a/CDjq45QR4ywbFpTj5ybGx3H/#articleSection3>. Acesso em: 08 de fev. 2025.

SANTOS, P. **Hegel e a Dialética como Movimento Necessário no Interior da Arte.** Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/contradiccio/article/download/22815/14975#:~:text=NECESS%C3%81RIO%20NO%20INTERIOR%20DA%20ARTE,-Paula%20Regina%20Farias&text=Hegel%2C%20dessa%20forma%2C%20entende%20a,sua%20efetividade%20entendida%20como%20verdade>. Acesso em: 19 de jan. 2025.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Organizador Curricular Trimestral da FGB Filosofia.** Disponível em:
<https://portal.educacao.pe.gov.br/ensino-medio/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, A. **Hegel & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SOUZA, G. **Dialectica Resumo Histórico e Conceituação (2004).** Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/download/3783/3457>. Acesso em: 03 fev. 2025.

TABILE, A.; JACOMETO, M. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso.** Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008. Acesso em: 04 de maio de 2023.

VEWEG, k. **Hegel o Filósofo da Liberdade – Biografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

WOHLFART, J. **Fundamentos dialéticos da pedagogia do oprimido.** Passo Fundo:IFIBE, 2013.